

Desta multiplicidade de estilos todos se beneficiavam: os atores aprendiam novas técnicas de interpretação, adaptando-se a diferentes direções; a cenografia buscava, a cada espetáculo, soluções adequadas; a técnica, exercitando a maquinaria, descobria recursos, inventava outros; e o público, por sua vez, tinha a oportunidade de assistir e comparar estilos diferentes. (Foto 34)

Há nesse revezamento de produtores um aspecto curioso que contribuía para a boa realização do espetáculo: o Teledrama era uma espécie de prêmio para os produtores envolvidos. Em meio aos outros programas semanais que faziam na emissora, surgia o Teledrama, trabalho mensal pelo qual não recebiam nada a mais monetariamente, mas que era altamente gratificante pelas possibilidades artísticas oferecidas.

Inúmeros eram os problemas e dificuldades que esses produtores tinham que enfrentar a cada novo espetáculo, o que os obrigava a grandes rasgos de inventividade. A própria escolha dos textos era feita em função do espaço exíguo dos estúdios da TV Paulista. Dava-se preferência para as peças e histórias que se prestassem a um único cenário, pois não havia possibilidade de grandes montagens e alterações cenográficas no decorrer da transmissão.

A emissora, conforme foi dito na segunda parte deste trabalho, encontrava-se precariamente instalada num velho prédio de apartamentos, situado na esquina da Rua da Consolação com a Avenida Paulista. Seus dois estúdios eram pequenos, impedindo grandes movimentos de câmeras e o teto, muito baixo, não permitia uma iluminação adequada. Pela falta de espaço, as câmeras obedeciam a marcações restritas, abusando dos planos médios.

O maior desses estúdios ocupava o andar térreo e destinava-se à programação artística; o menor, localizado no segundo andar, era mais utilizado para a programação comercial, isto é, a transmissão de anúncios ao vivo durante os intervalos entre um programa e outro.

Outros fatores, além do espaço, pesavam na escolha das peças a serem apresentadas no Teledrama. Predominavam os textos estrangeiros, muitos deles em razão do sucesso obtido em versões cinematográficas, cujos roteiros, cedidos pelas distribuidoras, eram adaptados para a televisão. Este predomínio de textos, estrangeiros e cinematográficos, é explicado segundo alguns produtores, pela influência direta do cinema na época e pelas dificuldades existentes em retratar uma realidade brasileira. (Foto 35)

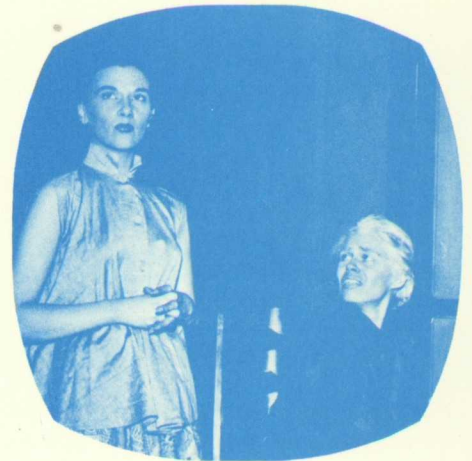
Um outro elemento, principalmente nos primeiros tempos do programa, influiu ainda na seleção de peças: escolhiam-se histórias curtas, pois no elenco do Teledrama predominavam atores vindos do rádio, que não tinham prática de decorar scripts e quase nada sabiam de movimentação no estúdio e marcação de câmeras.

Além de tudo isso, havia, evidentemente, no critério de seleção desses textos, uma preocupação com a receptividade que os mesmos poderiam encontrar junto ao público, procurando-se então temas palpitantes e dramas atraentes, românticos ou não, que despertassem o interesse dos espectadores e garantissem a audiência. Segundo José Castellar, a cada oito espetáculos de características populares, permitia-se que um fosse artisticamente mais elaborado. O primeiro exemplo, segundo aquele produtor, teria sido Nick Bar, dirigido por David Conde e baseado em texto de William Saroyan. Na opinião de Castellar, o TV de Vanguarda gozava de mais liberdade e permitia-se fazer "arte pela arte", ao passo que Teledrama Três Leões precisava servir de "vitrine de propaganda" da loja patrocinadora. (2)

Uma das fontes inesgotáveis de histórias para o Teledrama foi o cinema, que também servia de inspiração para a forma do programa. Privilegiava-se a imagem e considerava-se o som como simples reforço daquela. Mais tarde porém, quando o Canal 5 enfrentou uma fase de grandes dificuldades com o equipamento e material técnico, a qualidade da imagem caiu de tal forma que se tornou necessário uma maior verbalização.

2

O processo de produção do Teledrama não diferia muito do de outros teleteatros. Uma vez escolhido o texto, procedia-se a adaptação do mesmo para a televisão; terminada esta, passava-se o script à unidade competente encarregada de rodá-lo em mimeógrafo. Prontas as cópias, distribuíam-se as mesmas para o elenco escalado e faziam-se os vários pedidos de visuais, cenografia, figurinos, contra-regra, etc. Enquanto o cenógrafo trabalhava na planta-baixa do cenário, já os atores, reunidos numa sala, principiavam as leituras. Os ensaios começavam na segunda-feira, estendendo-se até o sábado. Na segunda-feira seguinte retornavam os ensaios; por volta de quinta-feira, os atores passavam a ensaiar nos estúdios, em meio ao esqueleto do cenário ainda em construção; na sexta-feira, às vésperas da transmissão, o diretor de TV comparecia ao estúdio, para acompanhar os ensaios e fazer as marcações de câmeras.



(Foto 34) Yara Lins, Cacilda Lanuza, em Mãe, de Paddy Chayefsky. Produção e direção: Álvaro Moya. Teledrama Três Leões — TV Paulista — São Paulo. Foto/Arquivo de Yara Lins



(Foto 35) Ronald Golias e Yara Lins em Nascida Ontem, baseado no filme homônimo. Teledrama — TV Paulista — São Paulo. Foto/Arquivo de Yara Lins

(2) Depoimento de José Castellar ao IDART, São Paulo, janeiro de 1977.